

Por um agir ético e responsável na habitação do ecossistema interativo

Leidson de Farias Barros*

Resumo: A proposta de um agir humano ético nos ambientes digitais deve nortear o habitar em rede e suas novas formas de interação dadas nesse novo espaço. A experiência da relação virtual e as interações estabelecidas nas redes sociais são exemplos das novas relações desenvolvidas nesse ambiente. Trata-se de um tipo de inter-relação desenvolvido a partir da experiência *onlife*, realidade hiperconectada, e carente de um novo humanismo, novas propostas éticas e morais. O ambiente digital atua como uma espécie de ecossistema midiático informativo, formado por conexões de redes ecológicas interativas. Levando-se em consideração esses aspectos, a proposta deste trabalho será estudar esta rede ecológica complexa, discutindo acerca do tipo de relação interpessoal que ali é desenvolvida. Ainda, buscaremos perceber as possibilidades e limites do ecossistema midiático, entendendo também as consequências éticas para os humanos, propondo um agir humanamente ético no ambiente digital que seja gerador de humanidade. A partir da pesquisa bibliográfica e da reflexão atual, buscar-se-á desenvolver esta reflexão. E, como conclusões, percebe-se a necessidade de uma proposta de equilíbrio que poderá ser encontrada em um novo humanismo, digital e integral, revelador de um agir humano ético e responsável no desenvolvimento de redes de relação num ecossistema de humanização.

Palavras-chave: Ética. Responsabilidade. Humanismo. Ambiente digital. Rede.

Introdução

A possibilidade de um agir humano ético e moral nos ambientes digitais deve nortear o habitar em rede e as novas formas de interação que são dadas nesse novo espaço. Nesses ambientes se desenvolve a experiência da relação virtual, e as interações estabelecidas nas redes sociais são exemplo desse tipo de vivência tão frequente, quase essencial, nos dias de hoje. Trata-se de um tipo de inter-relação que se desenvolve a partir da experiência *onlife*, realidade hiperconectada, e que pede um novo humanismo, novas propostas éticas e morais. Um novo modo de se pensar as relações. O ambiente digital atua como uma espécie de ecossistema midiático informativo, formado por conexões de redes ecológicas interativas. Nessa rede ecológica complexa, caracterizada pela hibridação entre o humano e o tecnológico, redes sociais atuam como modalidades de relação interpessoal, ofertando instrumentos para favorecer esse tipo de comunicação. Nas relações estabelecidas com o outro (disponível/indisponível) nas redes sociais revela-se o aspecto da exposição do si e do outro, atingindo os âmbitos da

* Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento, mestrando em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista pelo sistema CAPES/CNPQ. E-mail: leidson@paulus.com.br.

subjetividade do outro e do si. A habitação na rede deve refletir acerca do princípio de responsabilidade e da liberdade do humano nesse ambiente em questão. As possibilidades e os limites do ecossistema midiático precisam ser reconhecidos para se entender eticamente as suas consequências sobre o humano e, a partir daí, propor um agir humanamente ético no ambiente digital que seja gerador de humanidade. E este agir ético torna-se um componente essencial neste ecossistema, norteando as diversas formas de se conectar e de interagir com perfis disponíveis. A proposta de equilíbrio poderá ser encontrada em um novo humanismo, digital e integral, revelador de um agir humano ético e responsável no desenvolvimento de redes de relação num ecossistema de humanização.

1. O ambiente digital, ecossistema interativo

Com o avanço da internet e de uma nova cultura, agora digital, percebe-se a evolução também no que se refere ao conceito de “ambiente”. A diferenciação e a separação entre o humano e o seu entorno, típica característica da cultura ocidental, da tradição judaico-cristã e das filosofias antigas, dá espaço a um novo paradigma de ambiente, fundamentado na relação. A partir dessa revolução digital a sociedade encontra novas formas de interação e relação que vão além dos limites de espaço e tempo, o que transformou o modo de ser humano e de suas relações com os demais e com o mundo.

É notável a existência de um novo paradigma de relações humanas que acontece em um “ecossistema” ainda maior e rico de possibilidades e liberdades. Trata-se da ecologia de rede, espaço de maior complexidade das relações entre os indivíduos e tudo mais que os cerca (biodiversidade, técnica, informação e território). Este novo lugar é altamente aberto às relações e interações, que agem na construção e no desenvolvimento de um ambiente onde as interdependências entre cada um dos diferentes membros não aparecem como realidades distintas e opostas, mas como necessidade (DI FELICE, 2021, p. 43).

O ambiente digital atua como verdadeiro ecossistema interativo, “como parte de uma forma relacional que adquire sua condição específica somente a partir das diferentes interações e conexões” (DI FELICE, 2021, p. 44). Dessa forma, é essencial neste ambiente a possibilidade de interação e a abertura para a conexão numa proporção cada vez maior, com o avanço das tecnologias e a inserção de um número crescente de pessoas e de informações. Esses fatores apresentados, propiciam a reflexão do que se conhece como culturas digitais contemporâneas, fontes de transmissão de informações em rede, onde não tem mais espaço para a externalidade e a internalidade, mas onde tudo acontece via conexões (DI FELICE, 2021, p. 44).

Os números atuais servem como exemplo do quanto o ambiente digital cresceu rapidamente em nossa sociedade e de como cada vez mais pessoas estão vivendo nesse novo mundo. Um reflexo claro é evidenciado pelo relatório “Digital 2023 – Brazil”,² que ajuda a entender como as pessoas no Brasil usam dispositivos e serviços conectados nesse ecossistema digital. De acordo com o relatório, a taxa de penetração da internet no país é de 84,3% da população total (181,8 milhões de usuários, um aumento de 7,1 milhões em relação ao ano anterior). É relevante ainda notar esses números especificamente em relação às mídias sociais com 152,4 milhões de usuários, equivalente a 70,6% da população (sem queda perceptível na utilização das redes sociais entre 2022 e 2023, isso demonstra que o uso de redes sociais continua a aumentar). Esses dados são expressivos olhando especificamente para o número de usuários nas redes sociais, exemplos disso são o Facebook (109,1 milhões) e o Instagram (113,5 milhões), correspondendo, cada um deles, a cerca de 50% da população brasileira. Por fim, o relatório destaca que no início de 2023 havia, no Brasil, 221,0 milhões de conexões móveis celulares (102,4% da população), um aumento de 5 milhões entre 2022 e 2023.

Os dados apresentados evidenciam a extensão do ambiente digital e sua rápida expansão, a noção de um habitar em rede transformou o modo de ser humano, afetando o tempo e o espaço atuais. Vive-se, hoje, num profundo processo de conexões de redes ecológicas interativas, “resultado de múltiplas práticas comunicativas entre os membros de uma rede ecológica complexa formada por seres humanos, dados, sensores, *softwares*, algoritmos, florestas, estradas etc” (DI FELICE, 2021, p. 44).

Época e sociedade são impactadas por este novo modo de ser no ambiente digital. Trata-se de um novo humanismo marcado pelas dinâmicas comunicacionais e tecnologias digitais, nas quais é quase impossível se falar em *online* e *offline*, fazendo-se distinções entre estes dois modos de habitar em rede. Atualmente, a presença no ecossistema digital é entendida como uma experiência humana *onlife*, “realidade hiperconectada que transcende a dicotomia entre estar ‘dentro’ ou ‘fora’ das redes [...], uma natureza conectada, na hibridação entre o *online* e o *offline*, entre o humano e o tecnológico” (SBARDELOTTO, 2022, p. 232). De fato, refere-se a uma nova existência humana na qual a barreira entre real e virtual não existe mais, dando espaço para a construção de um ambiente híbrido e permitindo, também, a existência de uma nova condição humana.

A vivência humana conectada às redes transforma o ser humano em um “ente” hiperconectado, que pode experimentar um mundo inteiro sem sair do conforto de sua casa. É

² O relatório *Digital 2023: Brazil* está disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>.

significativo perceber que essa existência está impregnada de tal forma na sociedade atual que não causa mais estranheza, mas, ao contrário, transformou-se em algo familiar. Inseridos no ambiente digital, “conectados às redes, sentimos, vemos e conhecemos, não mais apenas por meio de nossos cinco sentidos” (DI FELICE, 2021, p. 45), a hibridação entre o real e o virtual proporcionou uma forma “transorgânica inédita” do sentir.

Aos poucos, a realidade foi se transformando e o humano foi se inserindo no digital, e vice-versa. Uma rede de interações, trocas de informações, comunicações e tecnologias criaram o ambiente digital contemporâneo que não cessa de crescer e de ser essencial para a existência humana. Seria possível pensar em uma sociedade, hoje, fora do ecossistema informativo? Parece que não existe mais essa possibilidade, pois a mudança na condição habitativa aconteceu e ofereceu como resultado um novo modo de habitar. Os espaços e territórios físicos ofereceram lugar para a atuação de “uma arquitetura informativa conectiva que, transformando toda a realidade e superfície em código binário e *bits*, possibilitou a hibridização das substâncias e a criação de uma inédita forma do habitar” (DI FELICE, 2021, p. 46). Depois dessa “nova criação”, surgiu uma ecologia que também é inédita, marcada pela interação em larga escala entre o real e o virtual, o físico e o digital, o online e o offline, que vai se consolidando como o mundo comum dos dias atuais.

Essa mudança radical no modo de habitar no mundo é fruto das ações humanas, da atuação do homem na história que transforma a realidade. Por outro lado, o produto dessa ação trouxe consigo mudanças profundas e metamorfoses em questões antropológicas, socioculturais e éticas que merecem ser postas em reflexão. As mudanças citadas são percebidas como pertencentes a “um processo de ‘midiamorfose humana’, ou seja, uma metamorfose, uma transformação, uma meta(re)organização daquilo que caracteriza o ser humano, as relações humanas e a humanidade, na inter-relação com lógicas e dinâmicas midiáticas” (SBARDELOTTO, 2022, p. 232).

No advento de uma nova “tipologia de ecossistema” (DI FELICE, 2021), informativo e material ao mesmo tempo, é preciso refletir sobre o humano e o humanismo emergentes na cultura digital. A presença, quase natural, do ser humano no ambiente digital contemporâneo é marcada pelas relações e interações que acontecem neste espaço midiático. A necessidade de um novo humanismo, a partir de “uma visão mais integral e integradora” (LS 141), foi identificada como uma urgência. Torna-se necessária uma análise acerca da presença/ausência do si no ambiente digital, principalmente nas redes sociais, estudando como acontecem as interações e conexões nos ecossistemas informativos, caracterizados pela experiência humana *onlife*. Posteriormente, será válido estudar a possibilidade de um agir ético nos ambientes

digitais, considerando que nesses ambientes se desenvolve a relação virtual, como fica evidente nas redes sociais, pois “a cultura digital revela a necessidade, cada vez maior, de um agir humano ético e responsável na construção de redes de relação verdadeiramente humanas, humanizadas e humanizantes” (SBARDELOTTO, 2022, p. 235).

2. A presença do si habitando em redes

A transformação do ambiente estritamente físico para o ecossistema informativo, marcado pelas conexões em rede, trouxe mudanças radicais ao ser humano. Agora, na nova condição habitativa, “a cada pessoa física e biológica, corresponde uma outra digital, semelhante e feita de dados” (DI FELICE, 2021, p. 84), oferecidos espontaneamente de forma online e outros dados referentes às nossas interações e atividades online, que são coletados de forma invisível e desconhecida, numa verdadeira “mineração de dados”. Habitar o meio digital tornou-se uma tarefa essencial na contemporaneidade e o oposto, estar fora desse ambiente, é quase comparável a uma inexistência. O “dilúvio digital” deu a oportunidade de se formar um novo ambiente, onde a sociedade tem a oportunidade e a necessidade de “agir com as mídias, nas mídias e pelas mídias” (SBARDELOTTO, 2022, p. 236).

Com os avanços da midiatização, deu-se origem um novo espaço de interações caracterizado por ser uma “rede de redes” digitais, e nesse terreno inédito se estabeleceram uma série de mudanças na forma de se relacionar socialmente. Esse processo de interação digital, fruto da habitação em redes, gerou “uma nova forma organizativa das sociedades contemporâneas a partir da interconexão distribuída e ubíqua de redes digitais em todo o mundo” (SBARDELOTTO, 2022, p. 238). Di Felice, nesse sentido, aponta para o surgimento de uma entidade plural e complexa, composta por redes de diversos tipos, a qual ele denominou “infovíduo”, termo cunhado para “expressar a natureza múltipla e simbiótica de nossa condição plural e a conexão de nossas diferentes dimensões, a biológica, a material-física e a informativa” (DI FELICE, 2021, p. 85). No desenvolvimento de novas formas de interação social, onde o “infovíduo” atua, articulam-se presença e ausência e, principalmente, disponibilidade e indisponibilidade (DUQUE, 2022), na habitação em um ambiente digital. Assim, revela-se um espaço de análise acerca da habitação em redes, sobretudo nas plataformas sociais, e a necessidade de uma proposta ética de responsabilidade.

A habitação do si e do outro nesse ambiente digital de redes é claramente observada nas relações estabelecidas nas diversas redes sociais, onde presença e ausência são duas constantes. Essas ambiguidades (presença/ausência) nos ambientes digitais estão relacionadas ao presente temporal no espaço digital e a uma ausência física (carnal), substituída por uma “identidade”

construída e representada. (DUQUE, 2022). Nesse contexto, as plataformas digitais servem de meio para as interações que são estabelecidas, proporcionando “uma transmaterialização, pois a materialização do sujeito enquanto corpo orgânico transfere-se para uma materialização enquanto sua representação” (DUQUE, 2022).

A identidade online construída nas diversas redes sociais tem papel fundamental no processo de habitação do ecossistema digital e de exposição dos sujeitos nesse meio. A construção da identidade é feita com a expectativa de ser conhecido pelos outros; de reproduzir os traços da relação analógica, a vida offline; e de uma exposição incompleta dos sujeitos nas redes, denotando um certo grau de controle ou distanciamento em relação à exposição (DUQUE, 2022).

Indo um pouco mais além, a relação entre presença e ausência dos sujeitos nas redes sociais pode ser articulada com a relação, igualmente complexa, entre disponibilidade e indisponibilidade dos mesmos (DUQUE, 2022). Nessa proposta, a disponibilidade significa “uma exposição do si, na sua imagem construtora de identidades, à rede, o que significa a outros, seja aos ‘amigos’, seja potencialmente a todos” (DUQUE, 2022), numa disponibilização do si ao ambiente. Nessa busca do sujeito em mostrar uma identidade através das redes sociais percebe-se um processo chamado de “rispechiamento”, que tem por base uma forma “especular” da construção da identidade. Sobre esse processo citado aqui, Duque diz que “na rede social, o sujeito vê-se espelhado e, desse modo, disponível a si mesmo – e, nessa disponibilidade reflexa, disponível aos outros” (DUQUE, 2022). A questão é que esta disponibilidade espelhada atua de maneira uniformizante nas redes anulando as diferenças. Talvez seja este o desejo da disponibilidade nas redes sociais, fortificado pelas tecnologias das plataformas e pelo grande algoritmo. Vale ressaltar que o papel do algoritmo também pode ser o reverso, atuando como raiz da indisponibilidade.

A indisponibilidade é uma realidade evidente nas redes sociais, tornando-se quase necessária. A dinâmica interna das diversas redes de interação social revela que “a coexistência de uma disponibilidade de princípio com uma indisponibilidade prática é típica das sociedades da modernidade tardia” (DUQUE, 2022), acontecendo também nos ambientes digitais. A esse fator acrescenta-se a não transparência daquilo que se realiza nas redes sociais, que proporciona o recolhimento, na mineração de dados, do maior dos tesouros atuais: a informação. Ainda é necessário citar a indisponibilidade dos códigos como sacralidade, na sociedade digital, onde a tecnologia pode se tornar espaço de salvação. Duque problematiza mais a questão afirmando que “o novo mundo de indisponibilidade não possibilita a relação de ressonância, [...] uma vez que essa dinâmica, pressupondo um momento de afetação do sujeito pelo mundo que lhe é

externo, pressupõe também um momento de resposta livre desse sujeito” (DUQUE, 2022), é isso que o autor identificou como o paradigma da responsabilidade, que seria o ponto de equilíbrio entre a disponibilidade e a indisponibilidade.

O paradigma da responsabilidade ética deve conduzir a disponibilidade e a indisponibilidade nas redes. A presença nesse novo ambiente de interações, em contínua e rápida expansão, solicita uma resposta dentro de um contexto moral e ético, o que seria, também, a proposta de um humanismo da ecologia das mídias. Os limites e as possibilidades do agir ético devem encontrar espaço no ecossistema digital de interação, proporcionando uma habitação que valorize a dignidade humana e uma leitura teológica das relações nos ambientes digitais, a partir da experiência *onlife*. Nesse sentido, nasce a busca, defendida por Sbardelotto, de um humanismo digital integral, “no sentido de fomentar uma práxis humanizada e humanizante no cenário emergente da comunicação digital” (SBARDELOTTO, 2022, p. 239).

3. A necessidade do agir humano ético e responsável na inter-relação virtual

O percurso de análise realizado até aqui mostrou a existência de um ambiente digital, identificado como ecossistema interativo, onde se vive a experiência do *onlife*, ou seja, uma realidade hiperconectada e marcada pela hibridação entre o online e o offline. Este ambiente digital é marcado por novas formas de interação social entre os habitantes das redes, além do uso de uma identidade construída e representada, diretamente associada à relação entre disponibilidade e indisponibilidade. É nesta trama que se apresenta a necessidade do agir humano ético e responsável inserido em uma cultura amplamente digitalizada.

Antes de apresentar uma proposta de agir ético, ou humanismo digital integral, é preciso percorrer algumas dimensões das possibilidades e limites do ecossistema midiático. A “virada digital” é uma realidade da qual não se pode esquivar no mundo contemporâneo, entretanto, para além de simplesmente habitar esse novo espaço de interação social, é necessário que se identifique “as especificidades de suas características, para poder, então, discernir eticamente as suas consequências sobre o humano, a fim de evitar [...] uma neutralidade e um relativismo morais diante do digital” (SBARDELOTTO, 2022, p. 239). Deste modo, elencam-se quatro problemáticas³ que ajudam na reflexão sobre os aspectos humanísticos que devem ser considerados para entender o ecossistema digital interativo e a atuação do humano neste meio.

³ As questões a serem desenvolvidas foram elencadas por Neil Postman (1931-2003) na conferência de abertura da primeira convenção da Media Ecology Association, no ano 2000. Sbardelotto retoma essas questões focando-as no ambiente digital.

Em primeiro lugar, compete a análise acerca do desenvolvimento de um pensamento racional, perguntando até que ponto o digital pode contribuir na construção e no uso desse tipo de consciência. A construção de pensamento racional é dom da humanidade e, no mundo atual, a cultura digital também atua na formação de tal pensamento a partir dos meios e processos que são dados no ambiente digital. Nesse novo mundo, a grande quantidade e a rápida difusão de informações são fortes características, porém esses fatores podem direcionar a uma crise por não saber como lidar com tanta informação a ser consumida de forma imediata. O desafio estaria em conseguir “desenvolver um pensamento racional em um período histórico em que temos uma *hiperinformação* oferecida em uma *supervelocidade* e marcada pela *efemeridade*” (SBARDELOTTO, 2022, p. 242, grifos do autor), uma resposta pode ser encontrada num caminho de educação para a formação digital que priorize informação e comunicação de qualidade.

Um processo de alfabetização digital favoreceria também o acesso a informações significativas, tão escassas num mar de informações variadas, rápidas e oferecidas em várias plataformas. Questiona-se até que ponto se tem acesso a informações significativas no digital. Um dos maiores problemas nessa tentativa de oferecer muitas e rápidas informações é que estas, além de não serem significativas, podem disseminar as chamadas *fake news* (notícias falsas), atuando como geradores de problemas, seja de forma intencional ou não. Revela-se, com isso, “que as mídias digitais podem ser um ambiente não apenas de informações significativas, mas também de disseminação de desinformações, boatos e mentiras, chegando ao extremo da má comunicação, envolvendo preconceitos e discursos de ódio” (SBARDELOTTO, 2022, p. 245). Perceber os frutos que a boa e significativa informação produz, servirá de medida para saber se o tipo de informação que o digital nos fornece é gerador de valores humanos.

Ademais, será preciso também questionar até que ponto o digital atua para desenvolver processos democráticos, proporcionando “um equilíbrio entre a individualidade e um senso de coesão social, pois ambos são necessários para a democracia” (SBARDELOTTO, 2022, p. 249). Nesse sentido, pode-se descobrir no ambiente digital uma “praça pública” dos nossos dias, lugar que favoreça o diálogo e o encontro, e proporcione acesso às informações. Uma última problemática está inserida no campo ético, propondo a discussão de como o digital pode influenciar no aumento ou diminuição no senso moral e na capacidade humana de agir com bondade. É nessa questão que se insere, com maior ênfase, a proposta de pensar o agir ético e moral do ser humano na ecologia midiática. De acordo com Sbardelotto, “trata-se de uma tomada de posição moral e ética por parte de quem habita esse ambiente, a fim de torná-lo mais

humanizado” (SBARDELOTTO, 2022, p. 254), proposta que visa garantir a dignidade, a responsabilidade e a liberdade neste ambiente.

Em parágrafos anteriores ficou evidenciado o processo de habitação do ecossistema informacional favorecedor de uma comunicação a partir de novas formas de interação. As plataformas sociais atuam nesse ambiente como arquiteturas que produzem relações e ambientes de compartilhamento (DI FELICE, 2021, p. 151), e realiza a conexão dos “infovíduos” num processo de disponibilidade e indisponibilidade. Nas relações estabelecidas na ecologia digital, com suas possibilidades e limites, é preciso dar atenção aos desafios atuais (construção do pensamento racional, acesso a informações significativas, promoção de processos democráticos e a questão do senso moral e da capacidade de bondade humana), para, depois desse caminho, fazer uma proposta de humanismo digital integral. Pois “pensar o humano e o humanismo em tempos de rede é pensá-los a partir de muitos desafios, limites e possibilidades apresentados pelo ambiente digital” (SBARDELOTTO, 2022, p. 257). Propor um humanismo digital que esteja fundamentado na busca de uma sociedade justa e democrática, e que coloque o ser humano – e toda a sua dignidade – no centro dos progressos e intentos tecnológicos deve ser a missão atual. Esse movimento estaria de acordo com a proposta do Papa Francisco visando dar atenção a esta nova realidade que atua na “possibilidade dum desenvolvimento humano e social mais saudável e fecundo” (LS 116).

A proposta para um agir humano ético e moral deverá levar em conta que “tudo está interligado” (LS 117) e que o processo de digitalização transformou a forma de se relacionar socialmente, pedindo também um novo humanismo a ser vivido na “ecologia das mídias”. Junto às novas formas de interação em rede e à construção do espaço interativo revela-se “o começo de uma saudável discussão crítica sobre a concepção do humano e sobre a redefinição da ideia de pessoa” (DI FELICE, 2021, p. 83). No avanço das tecnologias e na criação de um espaço inédito de interações, de trocas de experiências e de construção social, “não se pode prescindir da humanidade” (LS 118), pois a pessoa humana deve ser considerada em toda a sua dignidade na relação estabelecida com o Criador, com os outros e com toda a criação. Está aqui o aspecto relacional que caracteriza o humano e dá a possibilidade de se pensar um humanismo relacional que seja integral.

O desafio de propor um humanismo digital integral estaria associado ao pensamento de Francisco na defesa de uma “ecologia integral”, baseada no princípio das inter-relações que são estabelecidas entre as várias dimensões envolvidas. Assim, tem-se a proposta da “superação da concepção autocentrada no ser humano e a busca de compreender o humano a partir de suas inter-relações em rede e também nas redes digitais” (SBARDELOTTO, 2022, p. 260),

promovendo uma discussão pós-humanista. Na cultura digital, a ideia de rede é um dos conceitos centrais, principalmente por entender que é por meio desta “teia dinâmica” que são feitas as interações no ecossistema interativo. Por isso mesmo, afirma-se que “o ‘centro’ do humanismo digital integral são as *redes de relações das quais o ser humano participa e depende*” (SBARDELOTTO, 2022, p. 261, grifos do autor), seja na relação estabelecida entre o “si” e o “outro”, entre as tecnologias dadas, ou em relação aos diversos ambientes digitais nos quais transita e habita. O aspecto relacional se apresenta como ponto centralizador e valor peculiar humano, e isso não é diferente no ambiente digital. O habitar em rede não pode dispensar a existência das relações humanas fundamentais, pois “a abertura a um ‘tu’ capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana” (LS 119), ainda que envolvida por uma experiência *onlife*, na interação com uma realidade hiperconectada. Em vista disso, Sbardelotto defende que “se o ‘centro’ do humanismo digital integral [...] são as relações, a relação principal é justamente com o ‘outro humano’, as *relações humanas em rede*” (SBARDELOTTO, 2022, p. 262, grifos do autor).

O agir humano no ambiente digital deverá sempre priorizar a dignidade da pessoa humana e o bem comum, construindo um ecossistema de humanização. Nesse sentido, três processos devem figurar na proposta do humanismo digital integral como é defendido por Sbardelotto. Segundo o autor, esse novo humanismo deverá: a) *integrar*, tornando o ambiente digital “um lugar de convivência entre os diferentes e as diferenças, sem discriminar e excluir ninguém, acolhendo a todos”; b) *dialogar*, atuando para “reconstruir o tecido social, tão dilacerado em muitos contatos em rede, devido a ‘bolhas’ socioinformacionais alimentadas por preconceitos, ressentimentos e ódio”; c) *gerar*, reconhecendo que “‘todos, desde o menor ao maior, são parte ativa na construção de uma sociedade integrada e reconciliada’, também no ambiente digital” (SBARDELOTTO, 2022, p. 264-265). Em síntese, o agir humano, ético e moral, deverá levar em conta esses três aspectos apresentados para que o ambiente digital possa ser verdadeiro espaço de experiências de inter-relação, gerando processos de encontro e de valorização do humano com suas identidades e valores.

Considerações finais

Inegavelmente, a sociedade contemporânea vive em um “mundo novo” de inter-relações que acontecem na experiência *onlife*, hiperconectada e marcada pela hibridação entre o humano e o tecnológico. Nesse ecossistema interativo tudo está interligado por conexões em rede e se desenvolveu uma forma inédita de habitar. As relações interpessoais estabelecidas no ambiente digital são favorecidas pelas redes sociais, plataformas digitais que contribuem para a

construção de identidades e articulam as relações entre disponibilidade e indisponibilidade. Essa inter-relação mediada digitalmente necessita de seus habitantes uma responsabilidade e um agir ético como proposta equilibrada de relação com o próximo. Por fim, os desafios encontrados no ecossistema digital, com os limites e as possibilidades do mesmo, solicitam que as novas formas de relação social estabelecidas se deem em nome da dignidade humana e do bem comum, propiciando a integração de todos, o diálogo em rede e a geração, no ambiente digital, de uma sociedade integrada e reconciliada. A proposta de um novo humanismo, digital e integral, está lançada, e todos são chamados a construir e a habitar redes de relações mais humanas, lugares de princípios humanizados e de atitudes morais e éticas humanizantes.

Referências

DI FELICE, Massimo. *A cidadania digital*. São Paulo: Paulus, 2021.

DUQUE, João Manuel. “O outro (in)disponível. Uma aproximação antro-po-teológica ao Facebook” (2022 – Manuscrito).

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. Cidade do Vaticano, 24 maio. 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 set. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. Por um humanismo digital integral. In: Guimarães, Joaquim Giovanni Mol. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022, p. 231-271.